

**Mediação no futebol callejero: processos educativos decorrentes<sup>i</sup>**

*Mediation in fútbol callejero: educational processes arising out*

Nathan Raphael Varotto

**Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto (FHO/UNIARARAS)**

Araras-Brasil

Luiz Gonçalves Junior

**Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)**

São Carlos-Brasil

**Resumo**

O objetivo deste estudo foi identificar e compreender processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*. O caminho percorrido por este estudo, tanto na coleta como na análise dos dados, teve inspiração na fenomenologia. Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas com seis mediadores(as). Após análises das transcrições emergiram duas categorias, a saber: a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”; b) “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”. A partir da prática social da mediação no *Fútbol Callejero* ocorreram transformações dos(as) entrevistados(as) que passaram a refletir acerca de suas vidas, bem como de seu contexto social, nesse ínterim, consideramos que esta pesquisa possa inspirar mais pessoas a conhecer e vivenciar a prática social da mediação no *Fútbol Callejero* e que possamos seguir nos respeitando, cooperando com as pessoas a nossa volta e nos solidarizando a outrem.

**Palavras-chave:** Processos Educativos; *Fútbol Callejero*; Mediação

**Abstract**

The aim of this study was to identify and understand educational processes that result from the social practice of mediation in *Fútbol Callejero*. The path taken by this study, both in data collection and analysis, was inspired by phenomenology. For data collection, we used interviews with six mediators. After analyzing the transcriptions, two categories emerged, namely: a) “Construction of knowledge and experiences of new practices”; b) “Community protagonism in becoming a mediator of *Fútbol Callejero*”. From the social practice of mediation at *Fútbol Callejero*, changes occurred in the interviewees who began to reflect on their lives, as well as their social context, in the meantime, we believe that this research can inspire more people to know and experience the social practice of mediation at *Fútbol Callejero* and that we may continue to respect ourselves, cooperate with the people around us and show solidarity with others. in the interviewees who began to reflect on their lives, as well as their social context.

**Keywords:** Educational Process; *Fútbol Callejero*; Mediation

## **Introdução**

A vivência do *Fútbol Callejero* foi inicialmente divulgada pela *Fundación Fútbol para el Desarrollo* (FuDe) localizada na cidade de Buenos Aires, Argentina, a qual publicou as experiências com o jogo no livro “*Fútbol callejero: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina*” (ROSSINI et al., 2012).

Segundo Rossini et al. (2012), a prática do *Fútbol Callejero* foi iniciada nas imediações de Moreno, em Buenos Aires, na Argentina, em meados de 1994, com a proposta de recuperar o espaço de protagonismo e diálogo entre os(as) jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava todas as relações: familiares, na escola e com a comunidade. Desde então tem conquistado praticantes em diversas regiões do mundo, em sua maioria, em projetos sociais e ambientes escolares de seus respectivos países.

No *Fútbol Callejero*, meninos e meninas, homens e mulheres, e pessoas de qualquer faixa etária dividem o mesmo espaço de jogo. O árbitro sai de cena e entra um(a) mediador(a) com um papel de facilitador(a) do diálogo e da percepção de valores como respeito, cooperação e solidariedade, que balizam todas as ações nos três tempos da prática. No primeiro tempo, há o estabelecimento de regras pelos(as) envolvidos(as) no jogo; no segundo, os(as) participantes jogam a partir das regras criadas; e no terceiro, as pessoas dialogam, estimuladas pelo(a) mediador(a), sobre as ocorrências do jogo, colocam em relevo as situações de respeito, cooperação e solidariedade (ROSSINI et al., 2012).

Nessa prática não se ganha só fazendo mais gols; se obtém a vitória por pontos que são acordados no primeiro tempo de cada partida. Ou seja, há regras diferentes a cada encontro e atribui-se a tais regras a pontuação desejada, na qual o gol deixa de ser a principal ferramenta para a vitória, e com isso o jogo se dá e se faz valer pelos três pilares do *Fútbol Callejero*: cooperação, respeito e solidariedade (ROSSINI et al., 2012).

Diante das experiências com o *Fútbol Callejero*, percebemos que o papel do(a) mediador(a) é indispensável para o intento de estímulo e facilitação do diálogo, na busca compartilhada por ser mais (FREIRE, 2013) e, por esse motivo, voltamos nosso olhar para a prática social da mediação.

Entre 2017 e 2019 publicamos três artigos em diferentes periódicos tendo como foco a mediação no *Fútbol Callejero*, a fim de contribuir com o diálogo sobre esta prática social. Apresentaremos alguns desdobramentos destes estudos.

Em uma investigação realizada com crianças e jovens participantes de um projeto de extensão na cidade São Carlos, interior do Estado de São Paulo, foi possível perceber que: “[...] na mediação do terceiro tempo cada um pode se expressar e apresentar suas próprias versões das ocorrências, de modo coletivo, buscando o consenso e favorecendo amadurecimento de todos(as) para o exercício crítico da cidadania” (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017, p. 99).

Em outra investigação - agora com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública -, também na cidade de São Carlos, identificamos que o espaço da mediação proporciona reflexões sobre o papel do gol e o papel das pessoas em um jogo com a bola nos pés. Sobre isso, segue trecho da fala do estudante Yuri no momento em que se discutia o pilar respeito: “A outra equipe merece porque percebi que as pessoas tentaram de toda maneira jogar igual, mas a minha equipe não porque só visou o gol” (VAROTTO et al., 2018, p. 114).

Ainda neste estudo, a estudante Jéssica se posiciona quanto à solidariedade: “Eu acho que nenhuma equipe merece ponto porque uma hora o Cristiano Ronaldo caiu ninguém parou para ajudar, em outro momento Roben parou para amarrar o tênis e ninguém esperou, por isso digo que nenhuma equipe pontua” (VAROTTO et al., 2018, p. 114).

Na terceira pesquisa por nós realizada, observamos que para a mediação acontecer, faz-se necessário um(a) mediador(a) e este(a) precisa estar atento(a) às situações para não interferir no processo de autonomia, reflexão e diálogo com imposição de suas experiências anteriores, portanto: “o termo mediador(a) não é por acaso, pois essa pessoa irá mediar os diferentes momentos, tendo em vista que não há uma forma e/ou uma receita precisas, pois há corpos que criam situações, muitas vezes tensas” (VAROTO; SOUZA JÚNIOR, 2019, p. 54).

Nesse sentido o objetivo deste estudo foi identificar e compreender processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

### **Prática Sociais, Processos Educativos Motricidade Humana**

É importante descrever, literalmente, o que são e onde se desenvolvem práticas sociais, segundo Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2014, p. 33):

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores,

## Mediação no futebol callejero: processos educativos decorrentes

significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (GONÇALVES JUNIOR; CARMO; CORRÊA, 2014, p. 33).

Neste sentido:

Entendemos que os processos educativos ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (GONÇALVES JUNIOR; CARMO; CORRÊA, 2015, p. 176-177).

Nesse ínterim, pesquisar processos educativos em práticas sociais requer de nós, pesquisadores e pesquisadoras, o entendimento das experiências vividas por aquelas pessoas que estão imersas em determinada prática social, e para isso, precisamos estar-junto-com essas pessoas e nos humanizarmos, tendo em vista uma vida mais justa.

Portanto, buscamos através da prática social da mediação no *Fútbol Callejero* chamar atenção para a possibilidade de outro futebol, ou seja, diferentes jogos que utilizam e educam a partir da bola nos pés, pois: “[...] há outras formas do futebol acontecer, marcadas pela informalidade e espontaneidade, sem a pressão de interesses políticos nem económicos, disputadas em espaços improváveis” (NOLASCO, 2015, p. 501).

Outrossim, permite-nos outro olhar, principalmente no que tange ao *Fútbol Callejero*: nos viabiliza pensar noutra forma de comunicação, que é a motricidade humana.

A motricidade humana surge de uma ruptura com o conceito de Educação Física. A partir dos escritos de Descartes (1995), o qual a dicotomia entre corpo-alma fundamenta a equivocada ideia de que alguns aspectos do ser humano são explicados por simples processos físicos. Sutilmente, dando a entender que os corpos funcionam como máquinas e podem ser consertados ou divididos em partes, por exemplo, cabeça, ombro, joelho e pé. Justamente neste ponto, dos fragmentos, de superar esta ideia, é que nasce a Motricidade Humana, um:

[...] dado que a educação física não se limita ao físico e procura abranger o homem todo e todos os homens... no movimento intencional da transcendência, ou seja, no movimento de significação mais profunda. A dimensão do vivido na motricidade situa-se ao nível pré-objectivo, do pré-predicativo. Em poucas palavras: no

dinamismo, na imprevisibilidade do próprio ente. O essencial na motricidade humana é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida (SÉRGIO, 1999, p.17-18).

Sendo assim, as performances de ordem esportivas e físicas não são o que mais importa e sim a livre condição de se movimentar para resistir, existir, divertir, aprender, experimentar e ser. Daí que: “[...] para comprender la motricidad se debe compender al ser humano y su relación cotidiana com su mundo<sup>ii</sup>” (SÉRGIO; TORO, 2005, p. 102).

Por isso mesmo, o movimento humano prescinde o diálogo, mas não o nega; o incorpora e juntos se fundem desde os tempos mais remotos para constituírem o ser humano. Dessa maneira, movimentando as palavras. Nesse sentido, a motricidade humana está imersa no campo da intencionalidade; não se trata de movimento pelo movimento. Assenta-se na intenção situada do movimento a partir do corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 2011) e da intencionalidade.

### **A prática social da mediação no *fútbol callejero***

O terceiro tempo desta prática é visto como um espaço de aprendizagem sócio-construtivo que: “[...] otorga seguridad, confianza, autorregulación, resolución, propicia el diálogo y los vínculos y promueve la participación<sup>iii</sup>” (MOVIMIENTO, 2019, s/p).

Neste sentido:

La mediación entendida entonces como un espacio, se extiende a los 3 tiempos de la metodología del Fútbol Callejero, y no simplemente al 3er. tiempo. Como es la base y el sostén, necesita estar presente en todo momento. Si la mediación se parcializa o no está presente en algunos de los momentos, puede perder su carácter social y transformador (MOVIMIENTO, 2019, s/p)<sup>iv</sup>

O papel do(a) mediador(a) é de questionar; sua atuação se dará por meio das perguntas aos(às) participantes, intencionando autonomia, reflexão e diálogo, tendo como referência o diálogo que ao mesmo tempo que se dá, gera mais e mais relações dialógicas, auto alimentando-se.

A partir dos três estudos, trazidos na introdução, que tiveram a mediação como foco central, podemos perceber nas falas transcritas dos(as) participantes que estes(as) refletiram

e dialogaram observando o todo e não apenas sua equipe, levando em consideração aquilo que incorporaram como respeito, cooperação e solidariedade.

Neste sentido, a mediação no *Fútbol Callejero* se constitui como um espaço dialógico e analítico<sup>v</sup> no qual os(as) participantes expõem diferentes pontos de vistas a fim de chegar em consenso sobre determinado assunto. Tal ocorre inicialmente pela discussão dos pilares que é o ponto de partida para outros assuntos, suscitados por experiências que fazem emergir diálogos que transcendem o jogo. Por isso também, conforme Rossini *et al.* (2012), o *Fútbol Callejero* em sua raiz busca o protagonismo juvenil.

Ressaltando, conforme Freire (2013), que entendemos que diálogo: “[...] não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para conquista de outro” (FREIRE, 2013, p. 110).

A prática do *Fútbol Callejero* envolve, conforme previsto em sua proposição, participação de mulheres/meninas e homens/meninos nas equipes, os(as) quais são compreendidos como seres políticos que estão se relacionando entre si e com o mundo e, assim como nos diz Freire (1983, p. 39), é imprescindível partirmos da compreensão de homens e mulheres, seres de relações e não só de contatos; não apenas estão no mundo, mas com o mundo. “Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”.

E nessa relação de *estar-com-o-mundo*, a realidade buscada deve ser a de luta pela humanização de todos(as) os(as) envolvidos(as), como diz Freire (2013, p. 105): “O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização”.

### **Trajectoria metodológica**

O estudo foi realizado a partir de pesquisa de corte qualitativo, a qual não se atém em generalizações ou em neutralidade na pesquisa (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 1999).

O caminho percorrido por este estudo, tanto na coleta como na análise dos dados, teve inspiração fenomenológica, mais especificamente no que tange à análise do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989).

Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas<sup>vi</sup> com seis mediadores(as). Vale ressaltar que a participação deles(as) se deu pela experiência com a prática social da mediação no

*Fútbol Callejero*: cinco participam desde 2013 e um iniciou em meados de 2018, porém havia um contato prévio à prática e já mediava as partidas em seu bairro. As entrevistas foram realizadas em março de 2019.

Ao analisar os dados visando compreender significativamente o fenômeno situado decorrentes das entrevistas, foram traçados dois caminhos: análise ideográfica e nomotética. A análise ideográfica consiste em destacar unidades de significado após inúmeras leituras dos dados para que possamos compreender as experiências das pessoas que colaboraram com este estudo. As unidades de significado advêm de um processo de intersubjetividade entre o pesquisador e o fenômeno que passará ao desvelamento das ideias contidas nos discursos, destacando-as para significá-las, pois: “Dá-se então a passagem do objeto para o significado” (MACHADO, 1994, p. 41).

Seguindo o caminho até a essência do fenômeno que ainda está em fase individual, passa-se à análise nomotética, que vai do individual para o geral, articulando as compreensões abertas pela análise ideográfica por meio de convergências e divergências das unidades de significado. A partir deste momento as apreensões fazem menção às essências estruturais do fenômeno desde a esfera investigada, portanto, proveniente da temática de campo.

O processo final dessa construção se dá com a emersão de categorias temáticas que: “[...] formam uma síntese dos julgamentos consistentes dados nas descrições ingênuas dos sujeitos” (GARNICA, 1997, p. 117).

Após agrupamento das categorias temáticas foi organizada uma matriz nomotética, pautada na análise do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2008; LEMOS, 2013), objetivando movimento intencional em busca da essência do fenômeno pesquisado, possibilitando a construção dos resultados.

No próximo tópico desta investigação, construção dos resultados, as unidades de significado são utilizadas de modo substantivo na discussão das categorias de análise, deste modo, identificaremos as entrevistas a partir dos nomes fictícios que os(as) entrevistados(as) escolheram, seguida da identificação da unidade de significado em algarismos arábicos (1, 2, 3...). Assim, no caso de utilização de um excerto da entrevista de Guisoccerat, unidade de significado 3, teremos a seguinte notação entre parênteses: (GUISOCCERAT, US 3), seguindo o mesmo padrão para os demais excertos.

### **Construção dos Resultados**

Para a construção dos resultados dialogaremos sobre duas categorias, a saber: a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”; b) “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”.

O processo de construção das categorias, realizamos a transcrição, na íntegra, das entrevistas. Foram feitas diversas leituras a fim de destacar unidades de significado, que pode ser uma palavra, uma frase ou um parágrafo, neste caso, das transcrições das entrevistas, o processo tem início ao se destacar àquilo que está em acordo com o objetivo do estudo.

Ao ler e reler as entrevistas com as unidades de significado destacadas, iniciamos o processo de categorização, que consiste na emergência de excertos presentes nos discursos. Por exemplo, a primeira categoria reúne discursos de como esses(as) mediadores(as) tiveram contato com o *Fútbol Callejero*, as unidades de significado trazidas para diálogo versam neste sentido, assim, ao seguirmos estes procedimentos, nos foi possível perceber convergências nos discursos e então agruparmos em categorias temáticas.

#### **Categoria A – Construção do conhecimento e vivências de novas práticas**

O processo educativo de construção do conhecimento acerca do *Fútbol Callejero* é central nesta categoria, visto que era uma prática nova e aos poucos os(as) participantes da pesquisa foram conhecendo e gostando. Assim, esta categoria traz elementos sobre como e quando os(as) mediadores(as) tiveram contato com o *Fútbol Callejero* - alguns em 2014, ano em que aconteceu o “Mundial de Futebol de Rua” em São Paulo, conforme relato a seguir:

*[...] minha aproximação com o Fútbol Callejero se deu [...] mais ou menos de 2014, no mundial, né? Do Fútbol Callejero, onde começou algumas matérias rolar, né? Nas redes sociais é... Até através do Criolo também que eu acompanhava através do rap e consegui, né? Saber mais sobre essa metodologia, né? Um futebol mais educativo, mais cultural e a partir dali comecei a tentar, como poderia [...] Estar me aproximando do futebol [...] da coordenação, dos mediadores, da instituição que organiza para poder estar participando mais (GUISOCCERART, US 1).*

Na introdução deste artigo trouxemos estudo que descreveu a origem do *Fútbol Callejero*, respectivamente com Rossini et al. (2012) e, no ano de 2015, alguns e algumas dos(as) entrevistados(as) tiveram a oportunidade de participar da Copa América de *Fútbol*

*Callejero*, que teve como sede o país onde tudo começou, a Argentina: “[...] acabei participando da Copa América, né? Em 2015, se consagramos campeão, acabei voltando [...] Como mediador [...] e tamo aí agora como mediador firme e forte” (RICARDO, US 03).

Houve também, quem teve o primeiro contato com o *Fútbol Callejero* na Copa América, como é o caso da mediadora Luciana:

*Então, minha aproximação de se deu no ano de 2015, quando aconteceu a Copa América porque o pessoal ia viajar, né? A rede paulista e acabou que uma menina não poderia ir por conta de idade e aí eu fui convidada a tá indo participar e acabei conhecendo a metodologia através desse momento (LUCIANA, US 01).*

Ao se lançar ao processo de vivência desta prática social, a sensação que se tem é que: “[...] o bagulho é da hora mesmo [...] Só que a resenha lá é um pouquinho mais pegada [...] ou vai ou racha” (RICARDO, US 02).

Porém, para que seja “da hora mesmo”, há de se superar a cultura do futebol esportivo-competitivo entendendo o contexto e a realidade de quem participa, pois exige um processo, muitas vezes lento de implementação do *Fútbol Callejero*. Dialogando com o que fora apresentado no referencial teórico entender a existência de um outro futebol (VAROTTO et al., 2018).

No trecho a seguir, o mediador Vinne Fragoso nos conta como foi a implementação do *Fútbol Callejero* no polo em que atua:

*[...] era futebol convencional até que aos poucos foi aplicando a metodologia do futebol de rua e tipo era uns meninos ali que não tinha como [...] que era uns meninos briguento tal, tudo, era xingamento pá, aí a gente foi aos poucos aplicando a metodologia, o Educador veio trazendo pra gente tudo, foi aplicando, tipo começa só com a gente montando as regras, aí daqui a pouco aí gente ia lá sentava e falava: “Não, pô mais e aí, vocês respeitaram essas regras aí?” Nem tinha todo o conceito, mas aí foi aplicando aos poucos [...] (VINNE FRAGOSO, US 02).*

Se lançar para o *Fútbol Callejero* não diz respeito apenas ao rolar da bola, mas ao ampliar o entendimento para além do jogo, destacando a atuação articulada dos três tempos:

*[...] não era só você fazer gol, que ali você tinha que ter uns aspectos diferentes, era bem mais amplo tal e nisso eu fui gostando bastante, não só de jogar, mas também do terceiro tempo, fui participando bastante, ia direto, era treino toda quarta, ia direto, jogava bola e participava tal, até que um dia eu falei pro*

## Mediação no fútbol callejero: processos educativos decorrentes

*Educador que eu queria ter uma participação ali no terceiro tempo, se eu podia tá acompanhando mediação ali com ele (VINNE FRAGOSO, US 01).*

Até o ponto em que o(a) jovem percebe seu potencial para o papel de mediador(a) e demonstra seu interesse em participar das mediações: “[...] aí nisso fui conhecendo a metodologia e fui gostando da metodologia e até o momento que eu me apaixonei pelo terceiro tempo” (VINNE FRAGOSO, US 03).

O processo educativo de construção do conhecimento acerca do *Fútbol Callejero* foi destaque nesta categoria, visto que era uma prática desconhecida. Todavia, na vivência desta prática, construíram também o processo educativo de resistência à destacadamente ao futebol esportivizado (VAROTTO et al, 2018; RODRIGUES; GONÇALVES JUNIOR, 2009), percebendo novas maneiras de intersubjetividade (FIORI, 1986).

### **CATEGORIA B - Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero***

Nesta categoria, iremos dialogar sobre o processo educativo protagonismo no contexto comunitário decorrente dos(as) jovens colaboradores(as) tornarem-se mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e, nesta vivência, se tornaram também referência/liderança em suas comunidades. A seguir, asserções dos(as) colaboradores(as) do estudo que convergem na formação desta categoria.

Ricardo pondera que:

*[...] muitas pessoas lá na minha comunidade me vê como um espelho, tá ligado, tipo, tá tendo um problema em casa as mães vai lá e fala: “Oh... O meu filho ba-ba-ba, não tá fazendo isso e aquilo, só escuta você”, só vê isso, mas muitas vezes já, mãe já chegou em mim trazendo problema de casa, que o filho não estava conseguindo fazer isso, que era pra eu falar com ele porque senão ia ficar sem o futebol, a mãe não ia liberar pro futebol (RICARDO, US 05).*

Há também participação dos estudantes e do mediador, como nos diz Vinne Fragoso:

*Eu acho que é uma coisa muito importante porque eu vejo tipo... Que pra mim, eu estudava na escola [...] lá em Sapopemba e quando eu entrei pra mediação ali e virei como se fosse tipo... Um ponto dali, tipo... Tinha os meninos da escola, porque eu comecei a aplicar a oficina dentro da escola e os meninos... O que acontecia na escola com eles tipo... Deixou de tá: “Ah eu vou chamar mãe, vou tirar a mãe do menino do trabalho pra ela vir aqui conversar. Vamos chamar ali*

*o Vinne, o Vinne vem como ele da oficina pra eles, o Vinne vai e troca ideia” (VINNE FRAGOSO, US 14).*

Os dizeres de Mocreata coadunam com os de Guisoccerart, Ricardo e Vinne Fragoso, no que diz respeito a ser uma jovem liderança dentro de sua comunidade e algumas barreiras que ultrapassou para isso:

*Tipo... Mas meu histórico assim tipo... Antigamente já eu já cheguei mesmo a usar droga, fazer mesmo esse monte de coisa tal, então através do futebol, o Educador me trouxe, conseguiu mostrar pra outras pessoas tipo ó eu consegui tirar o Mocreata disso, através desse futebol, então você também consegue e através disso eu consegui trazer os meninos (MOCORETA, US 09).*

*Então, no meu ponto de vista, querendo ou não eu sou uma liderança né e assim com o Educador foi uma liderança pra mim, assim como eu me espelhei nele, muitos jovens que hoje eu trabalho se espelham em mim, então tipo... Eu tento passar muito pra eles tipo o contexto de vida mesmo que o futebol trouxe pra minha vida entendeu, até em muitos depoimentos minha mãe fala que eu respondia a ela e hoje eu escuto (MOCORETA, US 06).*

Os trechos destacados anteriormente fazem menção ao que Rossini et al. (2012) descrevem sobre um dos princípios do *Fútbol Callejero*: o protagonismo juvenil, que se trata também de um processo educativo decorrente da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*. Entendemos também que perpassa pelo protagonismo comunitário, pois os(as) mediadores(as) agem em comunhão com outrem, favorecendo processos de humanização e libertação, conforme compreendidos por Freire (2013).

O mediador Vinne Fragoso, nos conta sobre a experiência de se tornar mediador de *Fútbol Callejero*, como poderemos observar, não há uma seleção, tem que partir da própria pessoa o desejo para a mediação:

*Fui gostando mais dessa parte, mais da parte onde eu converso, onde eu sento e troco ideia, mas joguei bastante, muito tempo e fui me aproximando do futebol. Aí eu falei que queria estar participando [...], pedi pra estar acompanhando mediação e foi vindo aos poucos, tipo, foi pelo meu interesse de estar querendo acompanhar as mediações (VINNE FRAGOSO, US 07).*

O mediador Mocreata relata algumas transformações pessoais depois que passou a ser mediador, pois foi uma oportunidade de refletir em sua própria vida e, antes de assumir um discurso bonito, olhar para si e ponderar o que lhe serve para iniciar a própria mudança:

## Mediação no futebol callejero: processos educativos decorrentes

*Que tipo eu era daqueles meninos que não respeitava os pais, eu fazia o que eu queria tal e, ao passar por esse processo eu tive uma questão de amadurecimento, então eu entendi, eu era preconceituoso. Algum [homossexual] chegava perto de mim eu queria brigar, se algum homossexual olhasse pra mim eu ficava revoltado, então eu descobri que aquilo dali estava me ajudando virar um ser humano na verdade, entendeu? Porque eu era um ogro, então através dessas formações eu vi que cada vez eu tava melhorando, não só como pessoa, mas as pessoas conseguiam conviver comigo naquele ambiente (MOCORETA, US 03).*

A mediação tem como centralidade o diálogo, princípio também da pedagogia dialógica proposta por Freire (2013; 2015), o qual oportuniza troca de experiências, exposição de diferentes pontos de vista e aprofundamentos, gerando distintos sentimentos e também oportunidade para *ser-mais*. No caso da mediadora Valentina, é a segurança em tratar desses temas dialogados com as crianças e adolescentes de seu polo; nesse sentido a vivência e experiência em mediar os encontros com o *Fútbol Callejero*:

*[...] vamos dizer que a gente fica um pouquinho a mais capacitado né? E em meu caso assim, um pouco mais segura do que estou fazendo, do que eu estou falando pra aqueles adolescentes, quando vem me questionar alguma coisa eu vou tentar ajudar, então [...] é fundamental (VALENTINA, US 07).*

A ação do(a) mediador(a) é fundamental dentro de uma partida de *Fútbol Callejero*, pois se desenvolve de uma maneira em que ele(a) não seja o protagonista, mas sim estimule os(as) participantes a serem os(as) principais atores e atrizes do diálogo nos três tempos, sobretudo na mediação, como vimos em Varotto et al. (2018). O(A) mediador(a), como destaca Guisoccerart, é o(a) coadjuvante:

*Ah ação deve ser é... De forma que ele não seja o protagonista da cena, né? Ele só medie mesmo, né? Tem esse lado né? Às vezes quando você vem de uma função que você é o professor, às vezes você tem que transmitir o conteúdo né? Então a pessoa que tem essa formação né? Ou tá iniciando, ela tem que adquirir né? Esse senso de falar: “Pô preciso mediar aqui e eu tenho que estimular o protagonismo das pessoas, pô é... Consciência, né? Senso crítico, dê sua opinião, dê seu ponto de vista sabe”, e aí fazer aquela intervenção sem ser o... Como coadjuvante mesmo sabe, tipo deixar o protagonismo pelos próprios participantes, eu vejo dessa forma que tem que ser (GUISOCERART, US 09).*

Em acordo com Varotto e Souza Júnior (2019), o(a) mediador(a) tem de ser imparcial e principalmente a pessoa que faz perguntas ao invés de emitir algum juízo de valor decorrente de seus olhares sobre o jogo, porém, há os participantes com distintas percepções

- e é aí que podemos favorecer a exposição dos pontos de vista destes participantes para que exponham suas impressões, a partir de questões, como podemos identificar no relato a seguir:

*[...] é você também saber ser imparcial em certas coisas, né? Porque você tá numa mediação, você não vai apontar para o menino e falar: “Ó mano você errou, você não ganhou ponto porque você errou”, você aprender ali a conduzir uma conversa tudo, é um bagulho que você também vai levar pra sua vida sobre isso, sobre conduzir uma conversa, se você tá ali numa situação mais zuada, você fala: “Ó vamos sentar aqui, vamos conversar, vamos ver como a gente resolve isso”, eu falo até mesmo no meu relacionamento, eu falo: “Não, vamos sentar aqui, vamos trocar ideia porque ficar nessa de bala trocada aqui não tem como, não vai pra frente”. É muito coisa que a gente vê tipo... De um terceiro tempo durar 40, até 50 minutos porque não entrou num consenso ali de tipo... Você fez isso, mas você fez aquilo, é um bagulho que tipo...tem coisas que a gente tem que saber pensar e um mediador, creio que a gente tá ali, pra poder tipo...ajudar a entrar certas coisas na cabeça dos participantes, tipo...se um menino quebrou, você não vai falar pra ele: “Ó, você não soma porque você quebrou”, você vai falar pra ele: “Não, mas foi cooperativo? Você foi solidário? O menino ali caído tudo, tal, você acha que é um bagulho que tem que ser repensado?” Você vai aprender tipo... A conduzir uma conversa mais da hora, você vai virar um ponto de referência pros meninos porque vão chegar tudo mundo em você pra trocar uma ideia (VINNE FRAGOSO, US 23).*

Os trechos que sucedem dizem respeito à percepção dos(as) mediadores(as) sobre como se posicionam em situações cotidianas, algumas reflexões acerca das transformações ocorridas por serem mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e como os pilares (respeito, cooperação e solidariedade) estão presentes como processos educativos em suas vidas.

Vinne Fragoso destaca que o diálogo foi fundamental para superar a vergonha/timidez e como o pilar respeito figurou nesse contexto:

*[...] porque eu sempre fui vergonhoso pá, mas aí depois você sabe trocar uma ideia, você tem uma cabeça, pra você sentar ali e resolver as coisas da conversa, você vira uma pessoa, querendo ou não, uma pessoa mais respeitosa porque você pensa no pós, tipo... Você faz uma coisa aqui, mas você sabe que na frente lá vai ter uma consequência, então tipo... Você fica nessa né? Vou fazer isso, mas vai ter aquilo ali, acaba que depois... Não é uma obrigação, é uma coisa que a pessoa adere pra ela mesma, eu mesmo aderi pra minha vida (VINNE FRAGOSO, US 17).*

O mediador Vinne Fragoso expõe reflexão sobre a solidariedade, bem como alguns desdobramentos decorrentes dela:

## Mediação no fútbol callejero: processos educativos decorrentes

*Você ser uma pessoa solidária, porque solidariedade não vem com... Com uma tarja escrito: “Isso é ser solidário”, solidário vem de você, você se faz solidário. Então, tipo... E eu acho que isso muda bastante, muda dentro... Os meninos dentro casa, a postura na rua, até mesmo hoje lá na comunidade lá os meninos vão jogar um contra, todo domingo de manhã né? Valendo [refrigerante], aí tem essa: “Ow mano, vamos fazer assim, vamos combinar o seguinte, quebrou aqui, a gente vai para troca ideia, pede uma falta, sem treta, sem esses baguio”, é uma coisa que você vê tipo... Leva pra vida, eu levei pra vida (VINNE FRAGOSO, US 16).*

O trecho seguinte versa sobre uma conquista da mediadora Luciana em se tornar representante juvenil internacional:

*Porque através da instituição eu acabei participando da rede de jovens do Brasil, depois de ter virado mediadora e com isso eu fui escolhida pra ir pro Peru pra uma conferência latino-americana, depois disso eu fui escolhida pra representar a América Latina e aí após isso, no ano de 2018 eu fui pra Alemanha pra uma conferência, onde acabei virando representante jovem internacional (LUCIANA, US 05).*

Por fim, as experiências como mediadores(as) não podem se esgotar, têm de continuar. Esse é o desejo de quem está envolvido com este projeto, pois suas vidas mudaram e hoje lutam para que mais pessoas possam ter contato com o Fútbol Callejero:

*Então, quando eu vou lá fora é... Pra outro país a única coisa que eu sempre levo em mente é de demonstrar a força que tem essa metodologia e que não só no futebol, mas que também ela pode ser levada é... Pra todos os âmbitos assim e isso ajuda muito os jovens, as crianças e os adolescentes a fomentar cada vez mais buscar e o mais importante, que acho que foi o que aconteceu comigo e que eu espero que aconteça com muitas pessoas, como também os mediadores que eu tenho conhecimento, é de você dar uma perspectiva diferente da perspectiva que existe nas comunidades, nas favelas, então acho que é importante por esse lado é... Você vê que um jovem ele tá com uma perspectiva diferente, que ele está querendo buscar coisas, não o lado fácil, mas entender que o trabalho é árduo, porém vale a pena no final (LUCIANA, US 07).*

Nas falas transcritas dos(as) mediadores(as), observamos que estes(as) destacam o diálogo, a solidariedade e empatia, conforme vimos no referencial teórico, especialmente com Freire (2015). Ou seja, foram os(as) mediadores(as) tendo, pouco a pouco, outrem como critério e o diálogo como condição de possibilidade para construir respeito em reciprocidade, a partir do prisma da motricidade humana que oportuniza a construção desses valores no ímpeto do movimento intencional para transcendência (SÉRGIO, 1999).

## Considerações

Assim nasce o *Fútbol Callejero* em um contexto de desesperança imposta e vulnerabilidade social, para um movimento de luta e resistência contra um sistema que os empurrava para as margens da cidade e da sociedade. Faz parte, portanto, de uma motricidade nesta ecologia, em esperar, pois desde a sua criação o motivo pelo qual se pensou este futebol foi a esperança de recuperar sonhos e utopias, mas também, valores como o respeito, a cooperação e solidariedade (FÁBIS; VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR, 2019, p. 60).

Ao nos engajar neste momento da pesquisa, houve a reconstrução do processo vivido e efetivá-lo envolve outro *re-começar*, *re-fazer* os caminhos percorridos.

Os processos educativos emergentes na categoria a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”, disseram respeito especialmente à construção do conhecimento, que se deu a partir do exercício de subjetividade e intersubjetividade, proporcionado pela prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

A categoria (b), “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”, trouxe para o diálogo os desdobramentos ocorridos nas vidas dos(as) mediadores(as) entrevistados(as), iniciando pelo processo de tornar-se referência/liderança em suas comunidades, ou seja, desenvolvendo o protagonismo comunitário.

Em sua raiz o *Fútbol Callejero* parte da vivência do jogo para fortalecer o protagonismo juvenil, a liderança, o diálogo e a recuperação de valores como respeito, cooperação e solidariedade - processos educativos que identificamos e buscamos compreensão na construção dos resultados com base nos relatos dos(as) jovens mediadores(as).

A partir da prática social da mediação no *Fútbol Callejero* ocorreram transformações dos(as) entrevistados(as) que passaram a refletir acerca de suas vidas, bem como de seu contexto social. A vivência como mediador(a) deste outro futebol provocou mudanças, principalmente a partir dos pilares, pois como vimos na categoria “b”, os relatos que fazem menção ao respeito, à cooperação e à solidariedade foram incorporados em suas ações dentro e fora do jogo, considerando o que fora dialogado no referencial teórico, acerca da intersubjetividade existente entre os(as) mediadores(as), e isso possibilita reflexão-ação, o que provoca as “transformações”.

Destacamos que houve limitações e dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento do estudo. A primeira diz respeito ao tempo em que estamos

condicionados, pois impõe um ritmo de trabalho que impossibilita mais aprofundamentos nas abordagens. Destaco ainda, como limitação deste estudo, a dificuldade na decisão do que trazer para diálogo nas categorias temáticas diante de tantos dados coletados.

Com o decorrer da pesquisa, vamos amadurecendo e percebendo diferentes fenômenos, vamos educando e nos educando em uma permanente troca de saberes permeada por anúncios e denúncias de uma realidade opressora que, com esperança, será transposta pela educação.

Consideramos que este artigo contribui com os ambientes não escolares, sobretudo em projetos sociais (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS 2017), onde mais comumente é desenvolvido o *Fútbol Callejero*, mas também em ambientes escolares (VAROTTO et al., 2018), já que em coerência com referencial teórico (GONÇALVES JUNIOR; CARMO; CORRÊA, 2014) entendemos que processos educativos que se dão em práticas sociais externas ao tempo-espço da escola podem também colaborar com o ambiente escolar. Neste estudo, em que foi central a prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, destacamos o favorecimento do protagonismo juvenil, em que os(as) jovens assumiram o papel de mediadores(as) e de representantes/lideranças em suas comunidades. A vivência dos pilares do *Fútbol Callejero*, cooperação, respeito e solidariedade (ROSSINI et al., 2012), os processos educativos decorrentes da prática social da mediação.

Desejamos que esta pesquisa possa inspirar mais pessoas a conhecer e vivenciar a prática social da mediação no *Fútbol Callejero* e que possamos seguir nos respeitando, cooperando com as pessoas a nossa volta e nos solidarizando a outrem.

Por fim, trazemos um trecho de um poema escrito por umas das mediadoras, Luciana, o qual fez parte de uma ação desenvolvida em um dos polos de *Fútbol Callejero*, tendo sido apresentado em uma reunião dos(as) mediadores(as) e que em muito representa a realidade dos(as) jovens “*Callejeros*” e “*Callejeras*”.

*Olha o futebol de rua aí, como outra sugestão,  
De acolhimento, solidariedade, cooperatividade e respeito.  
Proposta de aprendizagem, o brincar como alternativa para transformar.  
O ato de jogar, gatilho pra se dialogar,  
A sacada de re-significar, o que já acontece na rua da quebrada.  
Pés descalços, sem juiz, bola,  
Garrafa pra marcar o gol e sorriso de criança feliz.  
A gente acredita e aprende junto,  
Repassa tudo o que sabe, constrói em conjunto.*

*Futebol de rua, arte e cultura em prol a um único objetivo;  
Lutar pelos direitos das crianças, em prol a esperança,  
De um melhor presente e futuro.(LUCIANA)*

## Referências

- DESCARTES, René C. **Princípios da filosofia**. Lisboa: Presença. 1995.
- DUSSEL, Enrique D. **Introducción a la filosofía de la liberación**. 1995. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.
- FÁBIS, Lúcio C.; VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Esperançar em ecologia de motricidades: 20 anos do projeto de extensão “vivências em atividades diversificadas de lazer”. In: Seminário de Pesquisas em Práticas Sociais e Processos Educativos: Reflexões no esperançar, 6, 2019, São Carlos/SP. **Anais...** São Carlos: PSPE, 2019. p. 50-66.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GARNICA, Antônio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da S.; CORRÊA, Denise A. Cicloturismo, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4 p.173-208, 2015.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008, p. 54-108.
- LEMOS, Fábio R. M. **Entre o ócio e o negócio: possibilidades de desenvolvimento da motricidade escolar**. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria. A. V.; ESPOSITO, Vitória. H. C. (org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Sulina, 1999, p. 61-93.

MOVIMIENTO FÚTBOL CALLEJERO. **Metodología**. Disponível em: <<https://movimientodefutbolcallejero.org/futbol-callejero/metodologia/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

NOLASCO, Carlos. “Bola prá frente! Em busca de outro futebol”. In: Boaventura de Sousa Santos; Teresa Cunha (orgs.), **Atas do Colóquio Internacional “Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul -Sul, Sul -Norte e Norte -Sul”**, vol. III – Outras economias. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 491 -503.

OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W., SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 987-995, 2009.

ROSSINI, Luciano; SERRANI, Esteban; WEIBEL, Matías; WAINFELD, Manuel. **Fútbol callejero: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina**. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistémica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, Manuel et al. (org.). **O sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p.13-30.

SÉRGIO, Manuel; TORO, Sergio A. La motricidad humana, un corte epistemológico de la educación física. **En-Acción**, Cauca, v. 1, p. 101-109, 2005.

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. “Fútbol Callejero”: Processos educativos emergentes da prática social da mediação. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 91-100, 2017.

VAROTTO, Nathan. R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; MORAES, Fábio. “Fútbol Callejero” na Educação Física Escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)**, Itapetininga, v. 5, n. 5, p. 104-120, 2018.

VAROTTO, Nathan R.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. Fútbol Callejero: um olhar para os processos educativos. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 43-60, 2019.

ZITKOSKI, Jaime J. Ser mais (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire** (pp. 380 – 382). Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

## Notas

---

<sup>i</sup> Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado.

<sup>ii</sup> “[...] para compreender a motricidade se deve compreender o ser humano e sua relação cotidiana com seu mundo” (SÉRGIO; TORO, 2005, p. 102 – tradução livre).

<sup>iii</sup> “[...] outorga segurança, confiança, autorregulação, resolução, propicia o diálogo e os vínculos e promove a participação” (MOVIMIENTO, 2019, s/p - tradução livre).

<sup>iv</sup> “A mediação entendida então como um espaço, se estende aos 3 tempos da metodologia do *Fútbol Callejero*, e não simplesmente ao terceiro tempo. Como é a base e o suporte, necessita estar presente em todo momento. Se a mediação é fragmentada ou não se faz presente em algum momento, pode perder seu caráter social e transformador” (MOVIMIENTO, 2019, s/p – tradução livre).

<sup>v</sup> “O método ana-lético surge desde o outro e avança dialeticamente; há uma descontinuidade que surge da liberdade do Outro. Este método tem em conta a palavra do Outro como outro, implementa de maneira dialética todas as mediações necessárias para responder a essa palavra, e se compromete pela fé na palavra histórica e dá todos esses passos esperando pelo dia distante em que ele possa viver com o Outro e pensar a sua palavra, esse é o método ana-lético. Método de libertação, pedagógica analética de libertação” (DUSSEL, 1995, p. 236).

<sup>vi</sup> Esta pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP-UFSCar), a partir do parecer consubstanciado número 2.965.967.

## Sobre os autores

### Nathan Raphael Varotto

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no Centro Universitário da Fundação Hemínio Ometto – FHO/UNIARARAS. E-mail: [nathan@fho.edu.br](mailto:nathan@fho.edu.br). ORCID: 0000-0002-6722-9083.

### Luiz Gonçalves Junior

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor no curso de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: [luiz@ufscar.br](mailto:luiz@ufscar.br). ORCID: 0000-0003-1585-0596.

Recebido em: 28/11/2022

Aceito para publicação em: 23/01/2023